

AS MULHERES TAMBÉM GINGAM¹

Diosvaldo Pereira NOVAIS FILHO²

Rose Caroline SOUZA OLIVEIRA³

Vinicius MORENDE⁴

Universidade do Estado da Bahia

RESUMO:

Esse artigo trata da forma como as mulheres se apropriaram da capoeira como ato ou movimento de resistência ao sistema racista e patriarcal e como tal movimento se mostra em algumas cidades da Chapada Diamantina. Inicia-se trazendo algumas informações gerais sobre a prática da capoeira no final do século XVIII e no século XIX na Bahia, especialmente na região da Chapada Diamantina. Em seguida, discorre sobre a participação da mulher na capoeira e os significados sociais até hoje. Apresenta como o gênero feminino negro aparece nessa arte enquanto elemento/fator de resistência. O trabalho aborda também como a capoeira é utilizada atualmente para promover mudanças na estética corporal.

Palavras-chave: Capoeira; Mulher negra; Chapada Diamantina; Resistência; Estética.

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Datam do século XVI, enquanto o Brasil era colônia de Portugal, os primeiros registros da Capoeira. A manifestação foi muito utilizada no país pelos africanos escravizados, com a função de se defenderem das ameaças dos coronéis, donos do poder. Na Chapada Diamantina a capoeira passa a ser disseminada por volta dos anos 1990 já com características de prática esportiva e cultural⁵. Porém, acredita-se que a

¹ Trabalho apresentado no DT/IJ08 – Estudos interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Graduando do Curso de Jornalismo Multimeios na Chapada Diamantina do Campus XXIII da UNEB em Seabra/Bahia. Pesquisa educomunicação desde 2015 e atualmente bolsista de Iniciação Científica pela PICIN/UNEB onde desenvolve trabalhos mapeando as redes de convergência digital na Chapada Diamantina. Contato: diosvaldopereira@gmail.com.

³ Graduanda do VII semestre curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, do Campus XXIII da UNEB em Seabra/Bahia e bolsista voluntária no grupo de pesquisa Garimpando Redes na Chapada Diamantina. E-mail: caroluneb15@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professor substituto do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios na UNEB/Campus XXIII.

⁵ Segundo o site: <http://www.bahia.com.br/viverbahia/cultura/capoeira/>. Acesso em 10/05/17

capoeira é muito mais do que a classificação binária esporte/dança. O mais importante seriam os elementos ritualísticos e identitários.

A presença masculina sempre foi muito presente na capoeira. A mulher, por outro lado era pouco reverenciada. Com base nisso, começou-se um trabalho de garimpo em trabalhos publicados, a fim de colher dados históricos. No entanto, pouco se tratava da presença feminina na manifestação.

Assim como todo trabalho escrito, tomando o exemplo da imprensa e os arquivos documentais, ao passar do tempo, em grande número de localidades, alterou-se os meios de registrar a história. Com o acesso às novas tecnologias, como o telefone, os gravadores, dentre outras, favoreceu-se as pesquisas por meio de depoimentos orais. Nesse sentido, os avanços tecnológicos possibilitaram um desenvolvimento significativo da metodologia da História Oral. (THOMPSON, 1978).

Assim, como metodologia para este trabalho foi tomada como base os estudos de Thompson acerca da oralidade – um conceito que consiste em realizar entrevistas gravadas, preferencialmente, com pessoas que possam relatar experiências, modos de vida, aspectos da história contemporânea, e considera-las enquanto pesquisas documentais. (THOMPSON, 1978)

Neste artigo, foram utilizadas entrevistas com mulheres que gingam, a fim de descobrir como é a representação da capoeira na vida delas e como as mesmas se veem no movimento.

Nesta discussão, a utilização da metodologia é tentar mostrar a importância do diálogo da história oral na busca pela visibilidade e preservação da história da mulher na capoeira. Lembrar-se-á, inclusive, que existe um desafio da história em renovar as questões desse diálogo, em que muitos apontam as novas tecnologias e as Redes Sociais como vilãs.

Espera-se utilizar o potencial da história oral de revelar as relações de poder político, cultural e social. Para isso, quando a metodologia é utilizada, a principal preocupação é historiar não a única narrativa, mas uma das imagináveis versões da coisa. Nas letras de Thompson:

A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista (THOMPSON, 1978, p. 25).

No caso da capoeira, é possível compreender a história oral como meio que possibilita a transformação de como a manifestação é apresentada nas cidades do interior baiano. É a história contada pelos seus, assim, o trabalho utilizou-se do uso de entrevistas com um grupo de mulheres de Seabra e Lençóis que são capoeiristas.

Para isso, o pesquisador deve se atentar a resumir e publicar as apresentações de histórias de vida, tomando cuidado, sempre, em interpretar com consciência todo o material garimpado, tendo em mente o contexto em que se faz presente. Assim, é imprescindível levar em consideração que o que está sendo constituído se trata de um material que não é só novidade, mas que também ajuda a interpretar a problemática trazida.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A formação de grupos de capoeira no século XIX era muito comum entre os homens. Apesar das mulheres também participarem desses grupos, as contribuições delas são até hoje pouco citadas. Quase não se fala da presença das mulheres entre os capoeiristas da época, como se fosse uma prática exclusiva de/para homens. E isso deixa muitos questionamentos.

A capoeira no começo da sua origem não foi feita para as mulheres negras! Isso foi imposto por homens negros! Até hoje quantas mestras de capoeira têm na história? São raras! (Ana Beatriz, 2017, casa da entrevistada).

Entretanto, hoje, a capoeira é uma forma de resistência e as mulheres, assim como os homens, se apoderaram dessa ferramenta para sua própria proteção. A participação masculina na capoeira é comumente tratada nos livros. Já os registros de mulheres negras capoeiristas durante o século XIX em jornais e boletins policiais não as definiam como capoeiristas, mas sim como mulheres valentes e boas de brigas.

Observou que, na imprensa baiana, o candomblé, a capoeira e o samba muitas vezes eram encontrados estreitamente interligados no universo de um mesmo indivíduo. E, embora confirme que a capoeira fazia parte principalmente do universo popular masculino, mostra que, já neste período, existiam pessoas da elite e também mulheres pobres que dominavam os códigos da capoeiragem. (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2007, p. 22).

O código penal de 1890 a 1937 condenava a capoeira e quem a praticava. A capoeira era uma prática de desordeiros, uma ameaça aos cidadãos de bem. As mulheres que praticavam eram vistas de forma preconceituosa na sociedade patriarcal conservadora.

Desde a sua chegada em solo brasileiro as mulheres africanas foram excluídas na sociedade e até hoje sofrem todos os tipos de abuso, desde a cobrança estética dos cabelos, a estética corporal, símbolo hipersexualizado. Os senhores de engenhos encontravam na mulher negra a amante mesmo contra a vontade dela. Além de ser reprimida pelo homem a mulher escravizada sofria com a ira da senhora branca que em ações mais violentas podia agredia a mulher negra.

Em 1930, um importante capoeirista brasileiro, mestre Bimba, por influência de José Cisnando Lima⁶, apresentou a luta para o então presidente Getúlio Vargas.

Tudo começou com ele, [...] Cisnando encontrou Bimba no Curuzu – bairro da Liberdade... Bimba ensinou o jogo da capoeira a Cisnando... Cisnando ensinou a Bimba a nomenclatura acadêmica e a pedagogia da capoeira... Bimba aprovou a sistematização do ensino da capoeira... Cisnando sugeriu a Bimba a criação da luta regional baiana [...] um passo a diante do jogo da capoeira... no rumo da defesa pessoal... Cisnando levou Bimba ao Palácio... para mostrar a luta regional baiana ao Ten. Juracy

⁶ Cisnando foi aluno de Mestre Bimba, cearense e estudante da Faculdade de Medicina da Bahia, foi responsável pela formação de sua primeira turma de capoeira, que também era composta por graduandos da mesma área. (ARAÚJO, 2008 in. MARTINS; SILVEIRA, 2015, p. 4).

Magalhães... Juraci facilitou o ensino da capoeira sob o rótulo de luta regional... autorizou o funcionamento do ‘Clube de União em Apuros’... na Roça do Lobo... A primeira academia de capoeira do mundo! Juraci conduziu Cisnando e Bimba ao presidente Getúlio Vargas... Getúlio acreditou na Luta Regional Brasileira como esporte e cultura. (MARTINS; SILVEIRA, 2015, p. 4 *apud* FILHO, Decênio, 1996, p. 118).

Em reportagem feita pelo site de notícias *Bahia* diz que o presidente Vargas gostou tanto desta arte que a transformou em esporte nacional brasileiro⁷. E desde então a capoeira se disseminou por todo Brasil, inclusive em toda a Chapada Diamantina, atingindo principalmente, homens, mulheres e crianças negras em todos os municípios.

Entre os séculos XIX e XX, o envolvimento das mulheres na capoeira ainda era muito baixo devido à sociedade patriarcal – sistema social em que homens adultos mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades, na figura paterna, e mantêm autoridade sobre suas mulheres e filhos – que se caracteriza racista até hoje com as indicações de que o cabelo liso é mais bonito e aceito, por exemplo. Achavam que a capoeira era coisa de homens vagabundos e violentos, e que mulheres seriam incapazes de se enquadrar nessa luta. A elite também entendia que era coisa de escravo negro, cultura de preto.

Muniz Sodré (2005) traz a visão da capoeira como “arquetipo existente no inconsciente coletivo africano que veio se aflorar e se materializar aqui no Brasil”. Sobretudo, no Recôncavo Baiano, a capoeira vem se inserir no jeito africano de ser com sua musicalidade, religiosidade e forma de ver o mundo. As mulheres têm participação direta ou indireta, pois, na Bahia, era comum a capoeira acontecer frente às quitandas mantidas por mulheres.

Para Samira Soares, de 22 anos, uma das entrevistadas,

A capoeira nos traz o contato com a nossa ancestralidade que infelizmente é invisibilizada por conta do racismo. Ressaltar

⁷ Informação extraída do site <http://www.bahia.com.br/viverbahia/cultura/capoeira/> em 24/03/17.

mestres como Bimba e Pastinha, a nossa referência à Dandara e Zumbi, assim como tantos outros que fizeram pelo povo negro, faz parte dessa tradição que nos dá constante aprendizado. A capoeira precisa ser valorizada e preservada, sobretudo porque mantém esse contato com a nossa cultura de África no qual desde o seu surgimento como símbolo de resistência na escravidão nos proporciona hoje um empoderamento essencial pela afirmação da nossa negritude. (Samira Soares, 2017, casa da entrevistada).

A capoeira representa um dos mais importantes bastiões da memória afro-brasileira. Porém, ela não está sozinha. Ela integra-se a um complexo de experiências corporais e intersubjetivas que envolvem também as religiões de matriz africana e outras manifestações culturais, como a puxada de rede, o maculelê, as congadas, o maracatu, etc.

A sociedade queria uma mulher doce, sensível e dependente do homem, mas as mulheres negras desde sempre foram levadas a conquistar seu espaço com muito trabalho. Por meio da capoeira, muitas se defendiam de seus parceiros agressivos ou clientes, no caso das prostitutas, que viviam na periferia, zonas que eram dominadas pelos homens:

Houve outras mulheres que romperam com a normatização do espaço masculinizado e que nos enfrentamentos do cotidiano da rua, viviam e sobreviviam no universo codificado pela cultura masculina, a exemplo das zonas de prostituição, onde ganharam notoriedade como “mulheres vagabundas” (OLIVEIRA; 2009, p. 129).

Adepta da cultura há 11 anos, Ana Beatriz, hoje com 20 anos, nos fala que a capoeira é um movimento de luta, sobrevivência e de autodefesa. Para ela:

A capoeira [...] é justiça! Ela vai estar do lado de quem mais precisa. E nós mulheres precisamos saber nos defender. Um golpe pode evitar que ela seja estuprada, sequestrada, que leve uma surra! (Ana Beatriz, 2017, casa da entrevistada).

Na Constituição de 1988, a mulher ainda não era legalmente cidadã, e ser mulher negra e pobre significava não ter os direitos mínimos de cidadania assegurados juridicamente. Com o passar do tempo, essa situação foi se modificando. Essas mulheres começaram a aparecer com mais forças, organizadas e dispostas a combater o preconceito, o machismo e o racismo, de forma organizada ou não, dando continuidade à luta das mulheres negras desvalorizadas desde a escravidão, desde o discurso eurocêntrico. Hoje as mulheres negras feministas, ou as mulheres do movimento feminismo negro.

CONTEXTUALIZAÇÃO REGIONAL

A região da “Lavras Diamantinas” foi sendo povoada gradativamente por grandes propriedades de terra e por aldeias de povos africanos escravizados em busca de liberdade, encontrada nos quilombos⁸.

A Chapada Diamantina atualmente tem 103 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares, o primeiro passo para a conquista do título de propriedade da terra, emitido pelo *Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária* (INCRA), de acordo como determina o artigo 68 da Constituição Federal do Brasil. Na cidade de Seabra há 10 comunidades reconhecidas pela Fundação Palmares⁹.

Com a chegada dessa população negra a essa região, vieram junto os saberes, as vivências, e principalmente suas culturas, como por exemplo, a Capoeira, que é vista nos municípios, tanto em cidades urbanas quanto nas comunidades rurais. Mas, como mencionado anteriormente, só na década de 1990 a capoeira teve seu apogeu na Chapada Diamantina, como em todo território nordestino. Esse aparato cultural já chegou com características de práticas esportiva e cultural ao som ritmado e bem marcado pelo berimbau de barriga, caxixi, atabaque, pandeiro e reco-reco. Participantes ensaiam coreografias sincronizadas, gingadas de perna, braços, mãos, pés, cabeça e ombros. Com o repertório que abrange chutes e piruetas cheios de molejo, malícia e manemolência a capoeira se firma em Seabra.

⁸ Segundo Abdias do Nascimento (1980) quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial.

⁹ Segundo o site da Fundação Palmares.

ACADEMIA DE CAPOEIRA EXCLUSIVA PARA MULHERES E A ESTÉTICA DO CORPO

Diariamente somos confrontados com o padrão magro e belo nas propagandas de TV, nas novelas, no cinema e nas capas de revistas. Entretanto, consideramos que ele seja inatingível para a maioria das mulheres. Este discurso por diversas vezes confunde-se com o da saúde. Os esteticistas e a indústria da beleza apropriam-se, com frequência, de tal discurso, classificando que para uma pessoa ser saudável tem que possuir o corpo “X”. E isso acarreta na problemática da beleza e do corpo da mulher, que carrega o peso de que é necessário corresponder a esta estética imposta pela “cultura”.

Na filosofia, Pareyson (1997) aprecia a estética como teoria que se refere à arte ou à beleza, como uma atividade do sentimento humano, em duas aparências especiais: primeiramente, como cogitação da arte e do belo; e depois, como doadora de um significado geral da arte e do belo. Diante disso, percebe-se as manifestações culturais do movimento corporal humano enquanto atividades em que a arte se manifesta naquilo que produzem os sujeitos que se movimentam. Nesse sentido, toda revelação visível e sensível durante a prática da capoeira é o que teoricamente define-se estética.

A hipersexualização, principalmente do corpo negro, existente desde o período colonial, facilitou a mercantilização da capoeira como uma atividade física igual à outra qualquer, ao mesmo tempo em que isso traz mais adeptos e visibilidade para tal prática, também tira o peso histórico e cultural, pois relativiza isso em uma prática banal como as demais.

Quando você me diz que as mulheres estão procurando a capoeira, eu aceito essa ideia muito contente, independente de como ela foi procurada. Seja para modelar o corpo, ou como um ato de resistência. É importante pensar o grupo que ela vai entrar. Sabemos que infelizmente o sistema já comercializou ao ponto de formar professores que possuem o discurso a ponto afirmar que capoeira e candomblé não andam juntas... Ai devemos nos preocupar! (Ana Beatriz, 2017, casa da entrevistada).

Nesse sentido, o que se percebeu com essa transformação foi o desencadeamento ou a mudança estética das circulações corporais executadas durante o jogo/dança.

Primeiro, pela supervalorização da técnica, que trouxe consigo uma estética que almejou não exclusivamente dar uma maior relação ao aspecto ‘luta’ que envolve a manifestação cultural, mas, por outro lado, o que se ambicionava era a propiciação de uma situação de *status*, onde beneficiava a visão ‘positiva’ dos espectadores sobre a capoeira. A partir disso, a sociedade burguesa da época, que antes entendia a capoeira como um movimento violento e marginal, começaria aceitá-la, admirá-la e também adotá-la.

Entre algumas pessoas, a prática da capoeira se reduz a uma simples atividade física pra manter ou adquirir um corpo desejado, se mostrando assim como mais um novo artefato de beleza na sociedade contemporânea. “Sem dúvida o olhar sobre o corpo não é recente, porém esta lipofobia parece ser algo mais recente” (ARAÚJO 2007, p.11). Atualmente, ser gordo não representa mais saúde e prosperidade. “Sê-lo representa descuido, que exige ajuste ou disfarce, seja em nome da saúde ou da beleza” (ARAÚJO. 2007, p.11).

Segundo Daiane Grillo Martins e Raquel de Silveira no artigo publicado em 2015, *Produções Estéticas da Capoeira: Reflexões a Cerca da Prática Mercadorizada*, esse propósito pode ser entendido como de grande relevância no processo de produção e transformação estética decorrente no universo capoeirístico. Isso porque tem por intuito privilegiar a satisfação dos olhares espectadores sobre os praticantes, que até então realizavam o jogo como uma forma de divertimento.

Nesse sentido, a capoeira torna-se esteticamente distinta da prática embasada pelos princípios éticos de manter a tradição. Isso porque conforme a conduta ética dos jogadores que seguem ou não tais fundamentos, a dinâmica dos movimentos corporais, se traduzem em diferentes produções estéticas. Desse modo, entendemos que a capoeira espetacularizada possui características estéticas diferenciadas da prática produzida em forma exclusiva de prazer e divertimento propiciada pelos fundamentos de vadiação da capoeira. (MARTINS; SILVEIRA, 2015, p. 10).

Agora, o fenômeno de proliferação de academias de ginástica exclusivas para mulheres está ancorado no processo mais contemporâneo de emancipação da mulher. Assim às que almejam encontrar um local para a prática de exercícios físicos, sem a

pressão do olhar masculino, a opção pela academia de ginástica exclusiva pode ser aportada, por exemplo, no fato de o homem ser representado como um elemento interventor negativo no contexto da prática de exercícios físicos em academias de ginástica mistas, especialmente quando provoca, com o olhar excessivo, invasivo, crítico sobre o corpo feminino, gerando situações inibidoras e constrangedoras. Mas mesmo assim, a capoeira ensina a não temer:

[...] meu primeiro contato [com a capoeira] foi em uma fase de desenvolvimento [a passagem de criança para adulta] [...] ela me proporcionou um bom condicionamento físico, consciência social, histórica e política! Você cria empatia e respeito por seus colegas, a grande maioria negrxs, racialmente marginalizados pela sociedade que vivem em zona de conflitos com baixa economia. Eu ainda mulher negra, tenho meus privilégios por ter tido mais acessos economicamente! Mas mesmo assim não deixei de ser “hipersexualizada”, pelos homens ou não sofrer racismo, a capoeira ensina a não temer. (Ana Beatriz, 2017, casa da entrevistada).

Os motivos da prática da ginástica em academias exclusivas para mulheres e suas relações com o binarismo sexual, a motivação das mulheres para a prática da ginástica nesses locais se mostra, na relação que as mesmas têm, vinculado direta ou indiretamente com a sutileza das relações que a mulher estabelece na sociedade contemporânea, com o olhar masculino em geral e com outras mulheres (COELHO FILHO & FRAZÃO, 2010).

Segundo Bárbara, de 20 anos, a capoeira aqui em Seabra se tornou um esporte bastante praticado se for comparar com outras cidades do interior. Tem a academia, do Grupo Esquiva, com o instrutor Tal e também tem Os Guerreiros da Bahia, que é de Boneco¹⁰. Existe sim a presença da mulher, mas o número é pequeno. “Regularmente, por exemplo, numa turma que tem entre 15, 20 pessoas, você coloca [...] umas 5 ou 6 mulheres [...].

¹⁰ Outra estética existente na capoeira é a presença de apelidos, porem, pela limitação de tempo, o trabalho ficará devendo.

Diante dessa problemática, o Grupo Esquiva, criou um grupo apenas de mulheres frequentadoras da academia de capoeira na Cidade de Seabra - BA, região da Chapada Diamantina.

Eu acho importante que mulheres se reunirem sozinhas e tudo mais. Lá na capoeira, [Grupo Esquiva] inclusive, teve uma época, que o professor “tava” dando aula pra uma turma especial só de mulheres. Mulheres mais velhas que [...] não se identificava muito com pilates [...] que não gostavam de outras academias e que não queriam ficar paradas, então ele fazia aulas funcionais usando movimentos da capoeira. [...] Então, já chegou a ter essa turma, mas é como eu lhe falei, não era tão frequente assim [...] a turma mesmo durou uns 3 ou 4 meses e frequentemente umas 6, 7 mulheres, sabe? (Bárbara Lima, 2017, praça dos correios).

As identidades que a mulher constitui na medida em que se (re)posiciona psicossocialmente. Dito em outras palavras, no mesmo momento em que se procura difundir uma nova concepção de sujeito individual e sua individualidade (HALL, 2006), que a ideia de sujeito liberto das predeterminações de uma natureza hipersexualizada do ambiente da academia.

Além disso, após debates e questionamentos sobre machismo nas músicas do movimento, dentro das academias de capoeira da região, percebe-se que hoje a mulher é mais respeitada e vem ganhando mais notoriedade.

A mulher capoeirista hoje vem ganhando mais visibilidade por mais mestras ocupando espaços antes mais direcionados a homens, porém na capoeira o respeito para com as mulheres é o que me mantém muito forte jogando. (Samira Soares, 2017, casa da entrevistada).

A visibilidade da mulher na capoeira está mais presente nos dias de hoje, graças à presença da mulher mestra¹¹ capoeirista ocupando espaços antes mais direcionados a

¹¹ Na Bahia, a primeira mulher a ser considerada Mestre, foi a Mestre Jararaca, em Salvador

homens. Em Seabra, não possuem Mestras capoeirista, mas, é visível a presença da mulher nesse diálogo entre corpos.

A Capoeira é um diálogo de corpos. O vencedor é aquele que não obteve resposta do parceiro. Na forma amistosa, ou seja, na roda de capoeira, o jogo é, verdadeiramente, um diálogo de corpos. Dois capoeiristas se benzem ao pé do berimbau e iniciam um lento balé de perguntas e respostas corporais, até que um terceiro entre no jogo, e assim sucessivamente, até que todos participem. (PEREIRA, Alcino, 2014, Blog: Capoeira, História e Origens Digital).

CONCLUSÃO

Entende-se que a capoeira é jogada de acordo com outros instrumentos estéticos que compõem essa manifestação, como por exemplo, o toque do berimbau, que faz com que os jogadores dançam no mesmo ritmo e que é a mescla que faz agradar o olhar de quem vê.

Com o grande aumento das apresentações de capoeira que tem ocorrido nos últimos anos, em algumas cidades da Chapada, os praticantes muitas vezes adaptam outros valores estéticos do jogo, como o ritual, a indumentária, os cânticos, até mesmo a duração da roda, entre outros. Isso tudo pode mudar de acordo com o local onde se apresentam e das pessoas que estão assistindo.

Assim, consideramos que as produções estéticas da capoeira revelam a historicidade de uma prática corporal que sofre transformações para se adaptar ao local de habitat, conforme os valores exaltados pela sociedade. Nesse sentido também, entende-se que na capoeira existem vários valores estéticos a serem estudados, até mesmo as músicas que antes poderiam menosprezar o valor da mulher ou enaltecer o machismo.

Nessa perspectiva, o exercício pode estar distante de uma breve fundamentação centralizada na satisfação do capoeirista, com início, meio e fim em si mesma. O que foi apontado no trabalho é que, cada vez mais, essa arte se torna naturalizada e, assim sendo, se faz necessário uma reflexão mais profunda no que se refere à estética e principalmente às práticas que produzem ou reproduzem as capoeiristas na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega. **A construção do corpo feminino: artefatos modernos de Procusto.** João Pessoa, Out. 2007.

CAPOEIRAOCE: **Lei proibição da capoeira.** Disponível em: <http://capoeiraocec.webnode.com.br/a-arte-capoeira/lei%20de%20proibi%C3%A7%C3%A3o%20da%20capoeira/>. Acesso em 19 de Nov de 2016.

COELHO FILHO, C. A. de A.; FRAZÃO, D. P. **Prática de ginástica em academias exclusivamente femininas.** Motriz, v.16, n. 02, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Dossiê inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do brasil.** Disponível em: http://www.portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/dossi%c3%aa_capoeira.pdf . Acesso em: 19 do Nov. 2016.

MARTINS, Daiane Grillo; SILVEIRA, Raquel. **Produções Estéticas da Capoeira: Reflexões a Cerca da Prática Mercadorizada.** Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires e; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira identidade e gênero: Ensaio sobre a história social da capoeira no Brasil.** Salvador: UFBA, 2009.

PAREYSON, Luigi. **Os Problemas da Estética.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral.** 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.